

VISÕES DO FOGO: SENTENÇAS HERACLÍTICAS ILUMINANDO O MITO SEBASTIÂNICO

Claudicélio Rodrigues da Silva¹

PALAVRAS-CHAVES: mito, oralidade, sebastianismo, Maranhão, Heráclito

“Os deuses continuam os mesmos, vindo diretamente de lá.”
(Jorge Itacy, CD A lenda do rei Sebastião, 2000)

I. Justificando percursos. É imprescindível? Já não bastam os caminhos?

Percorso 1. Séculos XII-VIII a.C. - Grécia Arcaica, sociedade eminentemente oral. A poesia é o fundamento da sociedade grega. Por ela, leis são dispostas, ritos celebrados, passado presentifica-se e o universo é explicado. Na voz dos aedos e rapsodos, a *poiésis* congrega deuses e homens, palavra-ação-germinação. O mundo de Homero, Hesíodo e Heráclito apresenta mito ($\mu\theta\omicron\varsigma$) e lógos ($\lambda\omicron\gamma\omicron\varsigma$) na confluência das origens.

Percorso 2. Século XVI d.C. - Portugal espera um rei ardentemente. O desejado nasce, e o reino não cai em mãos espanholas. Aos 23 anos, na África, numa batalha contra os mouros, o rei perece. Torna-se “o encoberto” e Portugal volta a sonhar com o seu retorno para a fundação do Quinto Império. As colônias portuguesas passam a alimentar o mito do ocultamento, propagando-o através de narrativas orais, trovas, cantos, cartas e sermões.

Percorso 3. Século XXI. Passados quatro séculos, o rei ainda é esperado nas nações lusófonas dos cinco continentes e re-ssurge nas artes verbais faladas,

¹ . Doutorando em Ciência da Literatura (UFRJ), área de Poética, com pesquisa de tese sob o título “Sebastianismo no Maranhão: poética oral e performance nutrindo imaginários”, orientador: prof. Dr Alberto Pucheu.

cantadas e escritas. É assim que, no Maranhão, a figura do Rei Sebastião soa familiar tanto na Ilha de São Luís (capital), quanto na Ilha de Lençóis, uma comunidade de pouco mais de 500 habitantes, a oeste do estado, na região das reentrâncias maranhenses. Numa prosa informal, nas doutrinas entoadas por pajés, nas manifestações populares, na música e na literatura, o rei aguarda o grande dia: quando seu reino emergirá do fundo do oceano, para fundar, em São Luís, o novo Império.

Os três percursos se unem na minha pesquisa. Não sei aonde quero chegar. Sei, porém, onde estou. Numa fronteira, num beco sem saída, abismo. As artimanhas da palavra causam-me uma sensação de prazer ao mesmo tempo em que vejo uma trilha obtusa, quase enevoada. Serão armadilhas do objeto de pesquisa, o rei, que deseja continuar encoberto? Culpa do *lógos*, que insiste em vigorar na ausência da presença? Não será culpa da minha frágil humanidade que, não conseguindo ouvir o *daímon*, não percebe que o velamento já é doação do caminho? Abismado é qualificativo para o pesquisador-caminheiro. Abismo-me, então.

Vejamos o ponto de partida. Da Grécia, busco os deuses, aedos e rapsodos. A estes desejo que me expliquem a função da *poiésis* e orientem-me na análise das narrativas sebastiânicas faladas e cantadas nas ilhas maranhenses. Como a *Mousiké* e a *Mnemósine* os inspiravam a narrar as grandezas do mundo sagrado, uma vez que não havia o registro escrito? Àqueles, desejo que sua cosmogonia sirva-me de sustentação da tese da construção de um mundo pela palavra; mundo sagrado, mítico e místico que só pela *poiésis* é capaz de irromper. Isso é capaz de me acenar para o quê? Por enquanto, vislumbro a estruturação de uma mitopoética das ilhas maranhenses que, à semelhança do mundo grego ágrafo, explicaria seu cotidiano e os fenômenos naturais à partir de uma cosmovisão mítica, cujo centro é a figura de Dom Sebastião.

II. Uma pré-visão

Este ensaio é, pois, uma tentativa de experienciar a linguagem, com base em alguns relatos colhidos em pesquisa de campo. Uma pré-visão do que virá. Portanto,

minha reflexão corresponde a um tempo de advento. Ao visitar a ilha de Lençóis e me deparar com uma exuberante natureza em contraste com um estilo de vida tão simples dos narradores do rei, percebi que a riqueza deles, além do físico, consiste no poder do mito. Uma ilha de cem casebres de palha e madeira, espremida entre um estuário, manguezais e dunas de um branco penetrante, mantém a riqueza da memória assegurada na voz dos velhos. Quem irá ouvi-los?

Nas suas falas, os inúmeros avisos apontam para uma catástrofe necessária. A natureza revelará aquilo que vem ocultando há tempos. São as mensagens de um rei velado, que migrou das areias do Marrocos e descansa sob a morraria² de Lençóis, nas terras do Brasil.

Ouvindo Heráclito, a palavra dos narradores se insinua a mim como doação, mas também como luz ofuscante. A pre-sença do lógos no mito das vozes da ilha me dá pistas da travessia. Mitologia é travessia. Os fragmentos de Heráclito conduzem meu pensamento na tentativa de entender os fenômenos dos narradores da ilha à luz do mítico.

As visões dos moradores de Lençóis integram as quatro matérias primordiais: terra, água, ar e fogo. Esses elementos são ponte para o mundo mítico onde moram os encantados, o mundo denominado de Encantaria. Nenhum humano foi lá. Portanto, aqueles que recebem os encantados³ nos pajés (misto de terreiro afro-indígena-católico) apenas dizem ser aí a morada dos não-humanos. A geografia deste mundo só é perceptível pela re-velação da natureza, da *physis*.

Os quatro elementos apresentados nas narrativas anunciam que a ilha é sagrada, assombrada, morada do encoberto, por isso encantada:

- TERRA: A morraria é feita de areia movente, morada do rei. Ele se oculta e se revela sob as dunas, que nunca são as mesmas a cada dia.
- AR: São as rajadas de vento, abundante nessa região, que movem a areia e modelam, como bem entendem, as dunas, confundindo os visitantes e

2 . Morraria é denominação para as dunas, na linguagem local.

3 . O rei Sebastião, é cultuado como um desses encantados, e incorpora ao som de suas doutrinas, cantos para louvar o encantado, durante o culto. Essas doutrinas são tão populares que ultrapassam os limites do terreiro, vigorando nas bocas de pessoas que não professam o culto dos encantados: “Sebastião quando baixa a coroa/ e faz as carnes da gente tremer/ Rei Sebastião, Rei Sebastião/ Entra em luta pra ganhar e vencer” (doutrina para o rei, Telma, Ilha de Lençóis, 2008).

moradores e configurando constantemente a topografia da ilha.

- **ÁGUA:** As águas trazem o duplo sentido do aprisionamento-libertação. Cercam a ilha ao mesmo tempo que são percurso aos navegantes. Somente pelas águas se chega à terra firme.
- **FOGO:** Uma chama faiscante voa de uma ilha a outra, arde mas não queima, pousando numa árvore, ao lado da morraria.

Atenho-me aqui ao quarto elemento, o sentido do fogo sobrenatural à mitopoética dos narradores da ilha. Não é um fogo destrutivo, visto que não gera combustão. Igual a sarça ardente do livro hebreu, pousa numa árvore e depois desaparece, trazendo o som, também sobrenatural, de um tambor. Os dois relatos a seguir, distantes temporalmente cerca de 30 anos, apresentam a visão:

Aparecia um fogo, aparecia um negócio assim que metia com fogo...uma visão...assim, um fogo no ar. E esse fogo botava a gente pra correr. Eu vi, esse fogo eu vi. Até em Bate-Vento aparecia. O fogo vinha voando. Quando vinha voando, começava a sair aquelas faíscas, do fogo. [...] A gente ficava com medo de se assombrar e corria. Depois aparecia em outro lugar. Vinha de Bate-Vento, atravessava para o Lençol e no Lençol ficava numa árvore grande chamada “Árvore Grande”. Isso eu cheguei a ver.

(Cecílio, morador e comerciante de Lençóis, 1979, CD A lenda do Rei Sebastião, faixa 3).

No tempo de meu pai, tinha uma árvore que chamavam “Árvore Grande”. A árvore mais alta que existia no Lençol. Ele ia tarrapear, quando olhava, a árvore tava em fogo. Tava em fogo, assim, não demorava o Tambor de Mina começava.

(Teresa, moradora de Lençóis, 2008)

O fogo flutuante, a árvore presa à terra e as ondas sonoras do tambor: tudo se une para mostrar os invisíveis. A *physis* mostra o numinoso, no espaço sagrado da palavra. Só não vê quem não quer. “Ignorantes: ouvindo, parecem surdos; o dito lhes atesta: presentes, estão ausentes”, diz Heráclito. Diante do numinoso, o homem ignorante se cala, não compreende o que foi dito. A narradora prossegue o relato, explicando as visões numa fala que culmina em riso: “Então eu quero dizer que eles andam é no tempo, aí mesmo, como a gente, que é invisível, a gente não vê né?”

(Teresa, idem). A presença na ausência, o que é aparente esconde a maior grandeza, o inaparente. Tudo vem a ser pelo lógos, e o mito atesta a ex-istência, a tessitura do velado.

Fogo gera medo e pânico. Sempre foi assim. O homem mostra-se frágil diante do fogo. Em combustão, a natureza perece rapidamente. O fogo também purifica, ilumina, revigora. Não foi ao dominar o fogo que os homens primitivos asseguraram uma nova ordem entre natureza e humanidade? Ao fazer fogo, o homem viu-se poderoso, soberano entre os outros animais. Estava fechado o círculo quadrangular: terra-ar-água-fogo. O segredo do fogo permitiu ao homem, mais do que cozinhar o alimento, produzir um rito. A luz veio ao mundo e a mente humana se iluminou e se aqueceu com esta descoberta. Por isso o fogo assume o centro de todos os credos e ritos. Numa tênue chama esconde-se o sagrado. Numa ardente chama transparente, o inaparente se oferece. A própria linguagem humana utiliza-se do fogo como metáfora para explicar muitas sensações. A palavra tem a densidade do fogo, queima e purifica, constrói e destrói, ilumina e se apaga; também os sentimentos são assim metaforizados.

A verdade é que tudo é fogo. O cosmo, a explosão original, as estrelas, bolas de fogo reluzentes há bilhões de anos. Fogo que se acende e se apaga, sem intervenção humana. No princípio era o lógos, e o lógos era fogo:

“O cosmo, o mesmo para todos, não o fez nenhum dos deuses nem nenhum dos homens, mas sempre foi, é e será fogo sempre vivo, acendendo-se segundo medidas e segundo medidas apagando-se” (HERÁCLITO).

O fogo dá a conhecer a potência daquilo que tudo é, inclusive o humano: construção-destruição, alfa-ômega, princípio-fim: o duplo oposto. O fogo tira das trevas, orienta um caminho, aponta o mundo. Mensageiro dos deuses e encantados, o fogo anuncia um novo tempo e pede vigilância: “Todas as coisas o fogo, sobrevindo, separará e empolgará” (HERÁCLITO). Há 30 anos, os moradores de Lençóis já afirmavam que esse fogo não mais era visto, e apontavam como causa o crescimento da população. A própria “Árvore Grande” não mais existe, foi engolida pelas dunas. No entanto, ficou o aviso, que a memória insiste em mostrar:

[...] é o seguinte: vinha pequeno, igual a um vaga-lume. A pessoa pensava que fosse um vaga-lume, depois, quando chegava perto, crescia. Crescia e voava... e começava a sair aquela faísca de fogo. Depois, de uns tempos pra cá, a habitação cresceu, então desapareceu o fogo e a morraria da Árvore Grande desapareceu também (Cecílio, idem).

A natureza constrói, a palavra edifica, o mito eleva. Tentar mapear na ilha os espaços míticos é olvidar a voz do encantado. Tudo que é, não é: “natureza ama ocultar-se” (HERÁCLITO). A cartografia está no rito da palavra edificante, no momento da performance do velho, no seu olhar perdido, no grão da sua voz, gesto que sai de si e se une ao ouvinte. Era assim que os rapsodos prendiam a audiência? O hipnotismo, que levava à catarse, apontado muitas vezes como cegueira, era o encanto das Musas? É assim que a voz dos velhos faz o mundo da Encantaria apresentar-se ao ouvinte. Mas se não soubermos ouvir....

III. A quadratura do círculo: tempo que se cumpre e se renova.

Circular como a ilha é sua mitopoética. Os quatro elementos compõe a esfera, onde princípio e fim se fundem. O elemento responsável pela transmutação é o fogo. O movimento sugerido pela visão do fogo atesta para a profecia segundo a qual tudo deverá ser destruído para que o novo seja instaurado:

Hei, hei, Rei Sebastião (bis)
Quem desencantar Lençol
Vai abaixo o Maranhão.
Hei, hei, hei, meu São Raimundo (bis)
Quem desencantar Lençol
Maranhão vai ao fundo. (bis)

(doutrina para o Rei Sebastião, Teresa, 2008)

A destruição do Maranhão não se fará pelo fogo, mas pela água. O cataclismo abalará São Luís e Lençóis revelará o reino do Encoberto: “Transformações do fogo: primeiro, mar; do mar, metade terra, metade ardência. O mar distende-se e mede-se no mesmo lógos, tal como era antes de se tornar terra” (HERÁCLITO). O fogo

transforma, lacra o círculo, unindo as fissuras do tempo.

Observa-se que há nessa poética uma dialética da concentricidade. Círculos dentro de outros fundamentam a poética:

- O caráter circular da ilha, porção de terra limitada por água;
- O caráter circular do povoado, o aglomerado de casas em meio às dunas, sem definição precisa de ruas;
- O caráter circular da conversa dos moradores; tudo é feito em grupo, mas principalmente a conversa, onde as narrativas se tecem;
- O caráter circular da dança no pajé, ao som do tambor, onde o Rei Sebastião incorpora como entidade;
- O caráter circular do bumba-meu-boi, brincado em junho na comunidade, onde, em volta do boi, cantam-se toadas;
- O caráter circular do homem, ele mesmo uma ilha, ansiando um tempo propício;

Por fim, a metáfora do círculo mostra-se na lenda da serpente encantada na ilha, com seu molho de chaves na boca, num sono profundo. Segundo um relato, as chaves devem ser retiradas de sua boca, mas sem que tal ato a desperte. No outro, ferir a cauda da serpente promoverá o des-encantamento da ilha. Que abrirão essas chaves das quais a cobra é guardiã? Que representaria a cobra nessa circularidade mitopoética? Tudo aponta para o futuro, proximidade dos acontecimentos, pre-visão:

Eu vou contar da serpente, da cobra, né. Quando o sujeito queria tomar banho, quando chegava lá na cova do morro, que olhava, tava aquele rolo, grande. Esticava, era uma serpente, com uma cambada de chaves na boca. Aí ficava com medo e vinha embora. Então muitos diziam: se o sujeito desse, que matasse ela, o Lençol desencantava e o Maranhão ia ao fundo.
(Saturnino, morador de Lençóis, CD A lenda, 1979)

Aqui também sei que vinha uma cobra de primeiro. É tudo isso, eu vou contar isso tudinho? Uma cobra, ela vinha dum lugar chamado Gino (...) Um senhor chamado Joca, era meu tio, disse que era só furar na cauda dela, só furar com o punhal que ela desencantava a praia e São Luís... Lençóis virava cidade e São Luís ia pro fundo. Assim que ela dizia: São Luís no fundo e a ilha desencantava.

(Simião, morador de Lençóis, 2008)

A serpente é oroboros, o círculo mais largo de todos, que enlaça tudo e do qual ninguém escapa. Pelo círculo da serpente, cumpre-se a profecia cantada pelos velhos. Natureza se refaz num círculo em que “a morte da terra é tornar-se água e a morte da água tornar-se ar e a do ar, fogo, e vice-versa” (HERÁCLITO). Que é o homem senão natureza? Que é o mito senão mensagem? Que é a palavra, senão re-velação? Vozes sábias quebram tempo e espaço e se unem: Heráclito e os velhos de Lençóis dizem o mesmo: “O comum: princípio e fim na circunferência do círculo” (HERÁCLITO).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARISTÓTELES. *A poética clássica.* São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

CASSIRER, Ernest. *A Filosofia das formas simbólicas.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade.* São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *O Mito do Eterno Retorno.* Lisboa: Edições 70, 1988.

FINNEGAN, Ruth. *Oral Poetry. It's nature, significance and social context.* Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1977.

_____, *Oral Traditions and the Verbal Arts: A Guide to Research Practices,* (London, 1992).

GENTILI, Bruno. *Poetry and Its Public in Ancient Greece: From Homer to the Fifth Century.* London: The Johns Hopkins University Press, 1998.

GUATTARI, Felix. “Práticas ecosóficas e restauração da cidade subjetiva”. In: *Homem, cidade, natureza.* Edições Tempo Brasileiro, 116, 9-26, jan.- mar., 1994.

HAVELOCK, Eric. *Prefácio a Platão.* Campinas: Papirus, 1996a.

_____. *A Musa aprende a escrever.* Lisboa: Gradiva, 1996b.

HERMANN, Jacqueline.. *No reino do desejado: a construção do sebastianismo em*

Portugal. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

HERÁCLITO. *Heráclito: Fragmentos contextualizados*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

HESÍODO. *Teogonia*, prefácio de TORRANO, Jaa. São Paulo: Iluminuras, 2007.

HORTA, Guida N. B. Parreiras. *Os gregos e seu idioma*. Rio de Janeiro: Editora J. DI Giorgio, 1978.

JABOUILLE, Victor. *Do Mythos ao Mito: uma introdução à problemática da Mitologia*. Lisboa: edições Cosmos, 1993.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Petrópolis, Vozes, 2002. V. I.

LORD, Albert. *The Singer of Tales*. Cambridge, Massachusetts/London, England: Harvard University Press, 1981.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus, 1998.

OLSON, David; **TORRANCE**, Nancy (org). *Cultura escrita e Oralidade*. São Paulo: Ática, 1997.

PORTELLA, Eduardo. "Revisitando o começo da História". In: *Caminhos do Pensamento hoje: Novas Linguagens no limiar do Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 136, p. 117-125.

PUCHEU, Alberto. *Pelo colorido, para além do cinzento: a poesia e seus entornos interventivos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

REGISTROS SONOROS E VIDEOGRÁFICOS

MACHADO, Roberto; BAIANO, Paulo. *A lenda do Rei Sebastião: registros sonoros do Maranhão*. CD. São Paulo: Tempo Filmes, 2000.

_____. *A lenda do Rei Sebastião*. Documentário em VHS, 15 minutos, São Paulo: Tempo Filmes, 1979.